

---

*Catherine Hall, **Civilising Subjects. Metropole and Colony in the English Imagination, 1830-1867**, Cambridge, Polity Press, 2002, 556 páginas.*

Os abolicionistas de finais do século XVIII acreditavam que, uma vez liberto da escravidão, o negro atingiria rapidamente o nível civilizacional do seu irmão branco, o que teria enormes vantagens para si mesmo e para o mundo. Esses abolicionistas — e os da geração seguinte — impulsionaram um movimento político cujo maior mérito foi o de ter conseguido transmitir às massas e aos detentores dos poderes executivo e legislativo essa expectativa otimista acerca do africano. Foi ela que, em última instância, impeliu os ingleses no sentido da abolição do tráfico e, depois, da própria escravidão. Em Inglaterra, como Drescher assinalou, a vitória do abolicionismo foi, acima de tudo, uma vitória da ideologia<sup>1</sup>.

Todavia, e ao contrário do que geralmente se pensa, essa vitória esteve bem longe de ser estável e definitiva. A adesão dos britânicos — e dos outros povos ocidentais, acrescente-se — ao movimento abolicionista deve comparar-se, não tanto a um movimento avassalador que fosse rebentando os vários ferrolhos que cerceavam a autonomia do homem negro, mas mais ao movimento das marés. Houve uma maré alta,

---

<sup>1</sup> Seymour Drescher, «Capitalism and slavery after fifty years», in *Slavery & Abolition*, 18, 3, 1997, pp. 212-227.

que durou até meados do século XIX, e a partir daí viveram-se anos de maré baixa, durante os quais o abolicionismo foi perdendo poder de influência e foi mudando de objectivos em função daquilo que a experiência ia revelando.

O livro de Catherine Hall tem essa mudança de maré como pano de fundo e como objecto, se bem que a autora não se preocupe exclusivamente com o abolicionismo. Aquilo que, acima de tudo, procura compreender é o horizonte mais global da relação colónia/metrópole e como cada um desses dois universos interligados espelhou e ajudou a construir o outro. Apesar dessa meta muito ampla e ambiciosa, o livro, cujo âmbito cronológico vai de 1830 a 1867, é, na verdade, um *case study*, ou, melhor dizendo, o conjunto de dois *case studies* entrelaçados. A interligação da metrópole com as colónias poderia ter sido explorada de variadíssimas maneiras, mas Hall escolheu aquela que lhe era mais próxima por razões de ordem pessoal e familiar (razões que, aliás, explica numa longa introdução que se situa algures entre a autobiografia e o livro de memórias). Assim, os palcos da sua investigação são a Jamaica e Birmingham, em Inglaterra, e as personagens centrais do seu livro não são os ingleses, em geral, mas um grupo muito específico: os missionários baptistas que foram para a Jamaica a fim de cristianizarem e civilizarem os escravos. Nesse contexto analítico, a questão principal que a si mesma se coloca é a seguinte: como foi que esses homens

agiram e sentiram enquanto agentes civilizadores e como repercutiu a sua acção tanto na Jamaica como em casa? Os missionários partiam para a colónia com um sonho mas... «what happened to their dream?» (p. 13). Para responder a essa e outras questões, Hall põe em jogo um conjunto de histórias entrelaçadas que cruzam a Jamaica com a Inglaterra, os colonizados com os colonizadores, os escravos com os missionários e os ex-escravos com os abolicionistas da metrópole.

Paradoxalmente, o livro começa pelo fim e pelos antípodas. De facto, o extenso prólogo parte de tumultos ocorridos na Jamaica em 1865 e do facto de o então governador da ilha, Edward John Eyre, ter lidado com aquilo que era uma contestação agressiva de cidadãos britânicos — ainda que negros — como se de uma revolta de escravos se tratasse: decretou a lei marcial, a coberto da qual se executaram 439 pessoas, se chicotearam mais de 600 e se queimaram mais de 1000 lares (p. 23). Em Inglaterra, essa linha de actuação levantou protestos, mas suscitou também muitos apoios e, surpreendentemente, foram estes últimos que vingaram na opinião pública. E vingaram porque, como Hall assinala, a Inglaterra mudara muito. O inglês da década de 1830 era um apoiante da causa antiescravista e alguém que acreditava ter uma missão: a de melhorar a sua vida e a dos outros, nomeadamente a dos povos infelizes, selvagens e escravizados, esses povos potencialmente melhoráveis e que poderiam gerar novos homens e

novas mulheres. Como se dizia na terminologia abolicionista, os negros poderiam ser «brothers and sisters». Duas ou três décadas depois sedimentara uma visão substancialmente diferente e os «brothers and sisters» tinham dado lugar, no imaginário inglês, a seres «outros», radicalmente diferentes de «nós» e irremediavelmente inferiores. Em 1866, a defesa dos direitos dos negros na Jamaica deixara de ser uma causa popular em Inglaterra: «A considerable body of opinion had concluded that black people were, essentially, different from whites, and thus could not expect the same rights: British subjects across the empire were not all the same» (p. 25).

Hall atribui a mudança na forma como os ingleses viam o negro — ou, em geral, os povos escuros das colónias — a uma série de choques dolorosos, como a revolta dos cipaios na Índia, ou então a desânimos sofridos pelo inglês médio no contacto com os aborígenes, ou ainda ao manifesto pouco melhoramento civilizacional dos ex-escravos nas *West Indies*. Faltar-lhe-á talvez sublinhar mais fortemente que na génese dessa viragem está uma causa muito mais prosaica: a constatação do fracasso económico das *West Indies* pós-emancipacionistas. De qualquer modo, para explicar a emergência da mudança na maneira de pensar o negro, Hall dá ao prólogo do seu livro uma feição biográfica e projecta o leitor para as lonjuras da Austrália e da Nova Zelândia. Aliás, a linha narrativa seguida pela autora ao longo de toda a obra deambula, com cons-

tantes idas e vindas, tanto do ponto de vista cronológico como espacial, algo que faz lembrar o *flashback* do cinema e que torna a leitura mais trabalhosa e a compreensão menos imediata. Mas porquê começar a análise pela Austrália e Nova Zelândia, locais tão afastados do eixo Jamaica-Inglaterra, em torno do qual o estudo gira? Porque na década de 1830 essas regiões tinham começado a ser povoadas por jovens representantes da empreendedora *middle class* inglesa, homens e mulheres que trabalhavam duramente e que sentiam marcado desprezo pelo aborígene que não aproveitava a terra que Deus lhe dera. Tratava-se de um novo tipo de colono e de administrador colonial, gente pouco propensa a contentar-se com outras visões do mundo e formas menos ambiciosas de viver a vida. Ora, um desses colonos era Edward John Eyre, o futuro governador da Jamaica. Por isso o prólogo assume uma feição biográfica e intitula-se, adequadamente, «The making of an imperial man».

A seguir ao prólogo vem o núcleo do livro, núcleo esse que se divide em duas grandes partes: a primeira centra-se na colónia e na acção das missões. Após caracterizar sociologicamente a Jamaica de finais do século XVIII e inícios do XIX, Hall analisa em pormenor o papel aí desempenhado pelos missionários baptistas e, ocasionalmente, de outras denominações protestantes. Em 1833 a Jamaica teria apenas 43 missionários de várias igrejas dissidentes, mas a sua presença, os seus ensinamentos — transformando o cristianismo

numa ideologia de contestação — e a forma como, em geral, apoiaram as comunidades negras e escravas tiveram um efeito explosivo no *status quo* dominado pelos plantadores e pelos representantes da Igreja anglicana. Hall estuda precisamente a forma como os missionários organizavam as suas congregações, os seus conflitos com os plantadores e a importância crucial que viriam a assumir na abolição decretada em 1833 não apenas devido a algumas das suas intervenções na tribuna política, mas também pela sua participação no jogo ideológico das imagens e representações. A autora atribui aos missionários a construção de uma nova imagem do negro, uma imagem de um homem infantilizado, sim, mas capaz de aceitar a orientação paternal do missionário branco, capaz de aprender, de trabalhar e de viver em família (p. 108). Na verdade, seria talvez mais correcto dizer que, através das cartas e artigos que publicavam nos jornais da metrópole, os missionários se limitaram a confirmar e a reforçar uma imagem que já existia, visto que o debate sobre as capacidades do negro não surgira apenas na década de 1830. O tipo de imagem optimista do negro que Hall faz brotar dos missionários baptistas já existia em profusão na literatura abolicionista de Setecentos (em Benezet, por exemplo). Virá a propósito referir que as passagens de *Civilising Subjects* que remetem para o abolicionismo são, por vezes, decepcionantes. Por opção ideológica ou por qualquer outra razão, Hall não utilizou os grandes especialistas do

tema e algumas das suas afirmações ressentem-se dessa lacuna<sup>2</sup>. De facto, nessa área, o livro tem alguns erros de pormenor, algumas confusões ou imprecisões — *maroons* não são «freed men and women who had settled in the mountains» (p. 74), mas sim escravos fugitivos. A questão da imagem do negro é uma dessas imprecisões. O que conferia importância a essa imagem quando transmitida pelos missionários não era tanto a sua novidade intrínseca — que, em bom rigor, não existia —, mas sim a credibilidade de que vinha investida, já que os missionários, apesar da sua origem social humilde e da sua pouca ilustração, eram testemunhas presenciais do que relatavam.

O estudo da acção missionária prolonga-se pelas décadas seguintes, passando pelo regime de aprendizagem, pela enorme adesão dos ex-escravos à Igreja baptista — cujo número de membros aumentou 200% entre 1834 e 1839 — e, depois, pelos tempos de progressiva crise e descrença, até à revolta de Morant Bay em 1865. O modo como os missionários lidaram com esses tempos de descrença é pormenorizadamente analisado no livro. Hall assume que na origem da crise estava uma quebra produtiva, já que, uma vez liber-

---

<sup>2</sup> Efectivamente faltam na bibliografia todos os trabalhos de Seymour Drescher, de David Eltis e de David Turley, por exemplo, e de David Brion Davis há apenas um livro, faltando, nomeadamente, a sua obra *Slavery and Human Progress*, Oxford, Oxford University Press, 1984, que incide precisamente na época estudada por Hall e que seria importante para a fundamentação das suas teses.

tas, as mulheres e crianças, parte importante da força de trabalho, deixaram de trabalhar para se dedicarem à escola e às actividades domésticas. Em consequência, alguns plantadores expulsaram essas famílias das cabanas que ocupavam ou pediram rendas exorbitantes por elas, o que encorajou ou compeliu os negros a adquirirem terras para se fixarem. Os missionários procuraram facilitar essas aquisições, planeando e organizando aldeias destinadas a acolherem a população livre, aldeias à maneira inglesa e que espelhavam aquilo que os abolicionistas tinham imaginado para os negros. Como diz a autora, «Jamaica [...] became a site for acting out white visions of how black people should live» (p. 136), até porque havia a esperança de que o tipo de exigências inerentes à posse de uma casa e de um papel na comunidade contribuísse para criar no negro a necessidade do trabalho (para manter o que já possuía).

Esses sonhos tinham subjacente, claro está, uma recusa em reconhecer uma cultura negra preexistente e seria a emergência dessa cultura que a partir de meados do século iria levar ao acordar sobressaltado do sonho missionário. Com a emancipação, e também com a chegada de imigrantes livres da costa de África, houve um revivalismo das crenças, práticas e rituais africanos que tinham estado domesticados ou reprimidos durante a era da escravidão. Esses revivalismos, para além de serem contrários aos interesses da economia e do decoro coloniais, punham igualmente em causa o avanço

do cristianismo na Jamaica. De 1845 a 1865, as várias igrejas dissidentes existentes na ilha perderam entre 25% e 50% dos seus membros. Hall descreve muito bem a forma como, perante essas contrariedades, os missionários, na colónia, e os abolicionistas, em Inglaterra, foram construindo um lugar imaginário — uma «Jamaica of the mind» — e como tendiam a omitir e a adoçar todo o comportamento dos negros que de alguma maneira divergisse da evolução desejada, uma evolução em direcção ao modelo inglês de comunidades camponesas ordeiras e disciplinadas. Em vez de acentuarem o tumulto das festas africanas ou da agitação paroxística dos curandeiros, os relatos dos missionários compraziam-se com descrições de negros industriais, respeitáveis e sóbrios, de mulheres que tinham abandonado a habitual concubinação e tinham adquirido recato e vergonha, cuidando da casa e da prole. Abra-se aqui um parêntese para assinalar que a mulher é uma figura omnipresente no livro. O assumido interesse de Hall pelos estudos de género leva-a a perspectivar as coisas simultaneamente no masculino e no feminino, o que quer dizer que estão em causa os escravos e as escravas, os missionários e abolicionistas e as mulheres que partilhavam as suas vidas, fossem esposas ou irmãs. O quadro que resulta dessas visões masculina e feminina do mundo é tendencialmente mais rico, mas tem os seus inconvenientes, já que leva a autora a entrar em muitos campos — os direitos das mulheres, o sufrágio feminino, etc. —

que a afastam do fio principal e acabam por introduzir no livro uma certa confusão de planos. Fechado o parêntese, o que importa sublinhar é que a imagem do negro bem-comportado e produtivo, assim como a imagem que lhe estava associada de um tipo de «imperial man» capaz de conduzir o negro com firmeza mas também com bondade rumo à civilização, não conseguiu resistir duradouramente ao confronto com a realidade. A partir da segunda metade da década de 1850, a opinião pública apercebeu-se da ilusão que havia sido criada, o discurso desencantado acerca do carácter e das capacidades do africano generalizou-se e começou mesmo a aparecer na boca dos missionários da Jamaica. É certo que apenas na de alguns. Mas era evidente que em 1860 nenhum deles tinha as esperanças e sonhos que tivera vinte ou trinta anos antes (p. 263).

A segunda parte do livro lida com Birmingham, que a autora procura situar no seu contexto colonial. E fá-lo através da enunciação dos produtos da indústria local que se exportavam, dos oradores famosos que passavam pela cidade abordando temas coloniais ou raciais, das peças teatrais que aí se exibiam e que incluíam africanos nos seus elencos e, sobretudo, das histórias individuais de gente da região que tinha partido para o ultramar. Uma vez estabelecida a ligação entre Birmingham e as colónias, Hall procura seguir a mudança de perspectivas na óptica metropolitana, recorrendo, para tanto, a histórias pessoais e às trajetórias de algumas individualidades locais. Homens, como

Sturge, que personificam uma época em que os abolicionistas inflamaram Birmingham (e toda a nação) na luta pela liberdade imediata do negro, mas também homens, como Dawson, que ilustram os tempos em que ganharam proeminência os ataques ao ex-escravo — visto agora como um ser irremediavelmente inferior — e aos filantropistas que tinham engendrado o desastre económico da Jamaica, e em que começou a recorrer-se cada vez mais ao argumento da raça para explicar e justificar as desigualdades persistentes entre os povos. A viagem de Hall pelos casos exemplares prossegue até à revolta de Morant Bay, em 1865, isto é, o livro termina precisamente por onde começou. Aliás, na medida em que é um pouco a mesma história, ou melhor, a história dos mesmos tempos, acontecimentos e problemas vista do lado de cá do Atlântico, toda a segunda parte do livro acaba por ter um cariz um pouco repetitivo.

Muito rico em detalhes — por vezes excessivamente rico — *Civilising Subjects* é um livro para ler com algum esforço, mas certamente com proveito, sobretudo num universo, como o português, onde os avanços e declínios do abolicionismo são geralmente ignorados<sup>3</sup>. Acresce que para o leitor português o livro tem outros interesses e utilidades devido aos constantes paralelos que permite

---

<sup>3</sup> João Pedro Marques, «Portugal e o fim da escravidão: uma reforma em contraciclo», in *Africana Studia*, 7, 2004, pp. 133-157, será, tanto quanto sei, o único estudo português sobre a questão.

estabelecer. Paralelos muito específicos, como os suscitados, por exemplo, pelos debates ocorridos no Portugal da segunda metade do século XIX a respeito das missões ultramarinas. Mas também paralelos em redor de problemas mais amplos. De facto, muito do que Hall analisa relaciona-se com a questão das expectativas e do seu não preenchimento: expectativas a respeito do negro; expectativas a respeito da produtividade do trabalho livre nos trópicos; expectativas a respeito da vontade dos indígenas em adoptarem o modo de vida dos brancos. Por outras palavras, *Civilising Subjects* lida com sonhos e frustrações e com a absoluta necessidade de conhecer ambos para compreender o modo como os europeus se relacionaram com África.

JOÃO PEDRO MARQUES